

ANA MARIA TAVARES



GALERIA BRITO CIMINO

A obra *Numinosum*¹ é composta por esculturas, texto e áudio. Concebida para o espaço da Galeria Brito Cimino, *Numinosum* proporciona a experiência especular em três níveis distintos. O primeiro, por meio de esculturas em aço inox que propõem uma experiência de contemplação e mergulho. O segundo, indicial, é um poema composto por palavras e expressões confeccionadas em material espelhado e dispostas sobre as paredes brancas da galeria: trata-se de dar ênfase aos artifícios criados pela nossa sociedade ou por nós mesmos para escapar das pressões da vida contemporânea. Estes artifícios nos tornam ao mesmo tempo cúmplices e vítimas do sistema que nos co-optou. A consequência mais perversa desse processo é a ilusão de poder, prazer e auto-estima vivenciadas. Finalmente, de maneira metafórica, o terceiro consiste em uma peça sonora composta a partir de um registro do mundo vertiginoso das especulações abstratas e das negociações no campo dos mercados futuros.

A origem desta obra se dá com a constatação de que tanto no mundo da arte quanto na engrenagem que move o mundo capitalista vivemos alimentados por situações abstratas, especulações e projeções futuras. O mundo das abstrações ficou finalmente tão familiar que não é mais nenhum esforço o trânsito entre as experiências concretas ou aquelas de caráter virtual. Por meio da articulação dos elementos descritos, esta obra pretende manter o visitante em suspensão, propiciar a dilatação do tempo de tal forma a colocá-lo em xeque diante da reverberação das realidades espelhadas.

Mas, em que consistiria afinal, a experiência especular? A meu ver, o mais peculiar a respeito do espelho seria sua capacidade de provocar a experiência do "eu me vejo vendo, exposto a mim mesmo" ou, "eu me vejo sendo visto; flagrado", ou ainda, "eu revejo o que já vi antes". Trata-se portanto, de uma experiência potencialmente crítica. De maneira geral, o espelho pode ser entendido como um site, um lugar reservado para a projeção do sujeito e que transforma sua própria noção de espaço e tempo; é, segundo Foucault, uma experiência mista e intermediária entre a utopia e a heterotopia. Vejamos a descrição do autor:

O espelho é, afinal, uma utopia pois que é um lugar sem lugar. No espelho eu me vejo lá onde eu não estou, em um espaço virtual, irreal, que se abre por trás da superfície; eu estou do lado de lá, lá onde eu não estou, uma espécie de sombra que fornece a minha própria visibilidade para mim mesmo, que me habilita a ver-me lá onde estou ausente: tal é a utopia do espelho. Mas é também uma heterotopia na medida em que o espelho existe na realidade, onde ele provoca um tipo de reação na posição que eu ocupo. Do ponto de vista do espelho, eu descubro minha ausência do lugar de onde estou, pois eu me vejo do lado de lá. Começando por este olhar, que é, por assim dizer, dirigido em minha direção, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do vidro,

*eu retorno em direção a mim mesmo; eu torno a dirigir meus olhos em direção a mim mesmo e a me reconstituir lá onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia nesse sentido: ele torna esse lugar que eu ocupo no momento em que eu me olho no vidro ao mesmo tempo absolutamente real, conectado com todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal, pois para ser percebido ele tem que passar através desse ponto virtual que está do lado de lá.*²

A experiência do espelho poderia ser vista de outras perspectivas. A primeira referência para se pensar o espelho é, provavelmente, o mito de Narciso. McLuhan, por exemplo, lança mão dele para argumentar que mergulhar no espelho corresponde a um ato de auto-amputação —Narciso foi paralisado pelo anestesiar de suas percepções "até que ele se tornou um servo-mecanismo³ de sua própria imagem estendida ou repetida. (...) Ele estava entorpecido. Ele tinha se adaptado à sua extensão de si mesmo e tinha se transformado em um sistema fechado"⁴. Neste caso, o sujeito perde o contato com o real.

O raciocínio é coerente; no entanto, é preciso tomar cuidado com a incorporação da explicação mítica em assuntos contemporâneos. Qualquer mito é a representação simbólica de um aspecto da experiência humana. Sua natureza é analógica — o mito de Narciso simboliza o risco de uma perda da própria identidade, é manifestação da tomada de consciência desse risco. A questão é: será que o simbolismo do espelho permanece inalterado em relação ao que era na Grécia há três mil anos? Não é à toa que o nome escolhido para o personagem do mito é Narciso —*narkê*, em grego, quer dizer "estupor".

Ocorre que o espelhamento é para nós hoje um fenômeno bem mais complexo, capaz de proporcionar, a meu ver, toda uma gama de experiências intermediárias entre o estupor e a auto-consciência. O espelho não é mais apenas mergulho, é também, como já disse, "ver-se vendo" e "ver-se sendo visto". O olhar de Narciso no espelho é um olhar ingênuo, não "informado". Ora, como seria possível, hoje, tal perspectiva? Como diz Mário Periniola, a experiência do sentir na contemporaneidade já não é mais de primeira mão —e essa me parece ser a diferença entre o indivíduo contemporâneo e o homem grego que, ao lado da fogueira, contava o mito de Narciso—, nosso sentir é o sentir do já sentido e, portanto, o sujeito "se torna o espelho em que o mundo se olha". Assim o autor define a experiência do sentir:

Todavia, na noção de narcisismo toma-se geralmente em consideração apenas uma orientação da energia psíquica virada para a própria imagem do indivíduo: além de que, muitas vezes, ele é entendido como uma privatização da experiência, como um declínio da dimensão social e pública. Escapa assim o aspecto mais importante e mais inquietante: não só a imagem de nós próprios não nos pertence completamente, mas até o modo como a sentimos nos parece de algum modo estranho e, por assim dizer, prefixado. Se para o narcisista o mundo é um espelho em que ele se olha a si próprio, a experiência do já sentido pa-

*rece ligada ao facto de se tornar o espelho em que o mundo se olha. Por isso, talvez seja menos oportuno falar de narcisismo do que de um especularismo que reflete experiências já prefiguradas.(...) O especularismo é, na verdade, algo de substancialmente diferente da imitação, do conformismo, da heterodireção: não se trata mais de seguir a moda, de adequar-se a um comportamento sugerido pelo ambiente, nem tão pouco de depender da aprovação dos outros, mas de sentir-se o lugar em que o exterior se espelha. (...) Ser espelho não implica todavia uma absoluta dependência do que se reflete nele: podemos virar o espelho em diferentes direções, manobrar a sua inclinação, movê-lo de modo a reflectir o que está diante ou atrás de nós. Nesse horizonte afectivo, passado e futuro têm ambos o caráter do já sentido, independentemente dos seus conteúdos. O presente do espelho é o encontro vertiginoso com um outro espelho, a instauração de uma visão em abismo, que reproduz ao infinito a especularidade*⁵.

A obra apresentada nesta exposição busca uma tensão entre a experiência de mergulho poético e aquela de confronto com o real; a possibilidade de alcançarmos um estado de "imperturbabilidade, de silêncio mental e vocal, de independência do mundo dos fenômenos"⁶. A experiência especular é usada neste contexto tanto para nos fazer conscientes de nosso lugar como para nos perguntar qual seria, afinal, nosso objeto de adoração.

Ana Maria Tavares

1 A palavra *numen* (latim) é tradução direta do grego *Daimon* que denota, genericamente, a divindade e pressupõe que os Deuses estão tão intimamente ligados ao destino pessoal que não é prudente nomeá-los explicitamente. A tradução latina é metafórica, ela se origina de um verbo que significa acenar com a cabeça, sugerindo que a divindade em questão tem a prerrogativa de dar sua aprovação ou impor sua recusa, o que reforça sua ligação com o destino. *Numinosum* é o adjetivo relativo à *numen* que foi substantivado posteriormente por certa teologia cristã para referir-se a objetos de adoração.

2 FOUCAULT, Michel. "Of Other Spaces" in MIRZOEFF, Nicholas (org.) *The Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998, p. 239-240.

3 Servo-mecanismo ou servo, é um mecanismo de controle automático que tem esse nome pelo fato de estar subordinado à uma fonte de comando externo.

4 MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: The Extensions of Man*. London: Sphere Books Limited, 1967, p.51.

5 PERINIOLA, Mário. *Do Sentir*. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 19-20. Os negritos são meus. A "instauração de uma visão em abismo", refere-se à expressão "en abîme" que significa que uma parte repete o todo; por exemplo, num romance em abismo o todo figura em uma de suas partes.

6 MCEVILEY, Thomas. *Pyrrhonism and Madhyamika*, Philosophy East and West 32, no. 1, (January 1982), p. 4 "(...) cultivar a suspensão (epoche) do julgamento sobre qualquer assunto: Essa suspensão se solidifica em um equilíbrio interior (arrespsia) no qual a mente nem afirma nem nega... Este equilíbrio entre a afirmação e a negação se expressa em um estado de silêncio vocal e mental (aphasia) o qual se transforma, finalmente, na liberação das influências dos fenômenos (aphateia) e imperturbabilidade (ataraxia)..."

CRÉDITOS:

Áudio: Ruggero Andrea Ruschionni
Modelagem 3D e imaging: Pedro Perez Machado
Projeto Gráfico: Tool Design

AGRADECIMENTOS:

Ana Maria Falzoni, Arão Reis dos Santos, Cássio Tavares, Gerson de Oliveira, Jessica Mein, Márcio de Oliveira Alves, Pompéia Auter Tavares, Renato Ramos, Rogério Marques. Inox Color • Oficina do Design • Transportadora Alves Tegam.

The work *Numinosum*¹ is composed of sculptures, text and audio. Designed for the space of the Brito Cimino Gallery, *Numinosum* poses the experience of speculation on three different levels. The first one, through stainless steel sculptures, provides an experience of contemplation and immersion. The second one is a poem composed of reflective words and expressions spread on the gallery's white walls: they emphasize the artifices we or our society have created to escape from the tensions of the everyday life. These artifices make us both accomplices and victims of the system that has co-opted us. The most perverse consequence of this process is the illusion of power, pleasure and self-esteem that we experience. Finally and metaphorically, the third consists of an audio piece built from registering the vertiginous world of abstract speculations and transactions of the futures' stock markets.

The origin of this work lies on the acknowledgement that both in the art world and in the system that fuels the capitalist world we are nourished with the abstract, the speculation and the projections of the future. The world of abstraction has finally become so familiar to us that the transition from concrete to virtual experiences is no longer an effort. Through these elements, the work aims to propose to the viewer an experience of suspension, providing a time delay for questioning faced with the reverberations of the mirrored realities.

But what is the 'specular'² experience all about? From my point of view, the most peculiar characteristic of the mirror is its potential to provoke the experience of "I see myself seeing, exposed to myself" or "I watch myself being watched; caught in the act" or, still, "I review what I have viewed before". As such, it is a potentially critical experience. The mirror may be understood, in general, as a site, a place reserved for the projection of the self, which transforms one's notion of time and space. According to Foucault, it is a mixed and intermediate experience between utopia and heterotopia:

"The mirror is, after all, a utopia, since it is a placeless place. In the mirror, I see myself there where I am not, in an unreal, virtual space that opens up behind the surface; I am over there, there where I am not, a sort of shadow that gives my own visibility to myself, that enables me to see myself there where I am absent: such is the utopia of the mirror. But it is also a heterotopia in so far as the mirror does exist in reality, where it exerts a sort of counteraction on the position that I occupy. From the standpoint of the mirror, I discover my absence from the place where I am, since I see myself over there. Starting from this gaze that is, as it were, directed toward me, from the ground of this virtual space that is on the other side of the glass, I come back toward myself; I begin again to direct my eyes toward myself and to reconstitute myself there where I am. The mirror functions as a heterotopia in this respect: it

makes this place that I occupy at the moment when I look at myself in the glass at once absolutely real, connected with all the space that surrounds it, and absolutely unreal, since in order to be perceived it has to pass through this virtual point which is over there."³

The experience of the mirror could be seen from other perspectives. The first reference for understanding the mirror is, probably, the myth of Narcissus. McLuhan, for example, draws on it in order to argue that to immerse in the mirror is like self-amputation —Narcissus was paralyzed and his perceptions were numbed, "until he became the servomechanism⁴ of his own extended or repeated image...He was numb. He had adapted to his extension of himself and had become a closed system."⁵

This reasoning is coherent, but we must be careful when incorporating mythical explanations for contemporary issues. Any myth is a symbolic representation of an aspect of human experience. It is analogical in nature —the myth of Narcissus symbolizes the risk of losing one's own identity, it reveals an awareness of such a risk. The question is: has the symbolism of the mirror been unaltered from what it meant in Greece three thousand years ago? It is not insignificant that the name chosen for the character of the myth is Narcissus—*narkê*, which, in Greek, means "stupor".

It so happens that, today, the 'specular' experience is for us a more complex phenomenon, capable of providing, in my opinion, an entire spectrum of intermediary experiences, ranging from stupor to self-consciousness. The mirror is no longer only immersion, it is, as I mentioned above, also "seeing oneself seeing" and "watching oneself being watched". Narcissus' gaze in the mirror is an innocent one, not "informed". How could then, such a perspective be possible nowadays? As Mario Perniola points out, the contemporary experience of the senses is no longer first-hand —and here resides the difference between the contemporary individual and the Greek persona who, next to the fire, narrated the myth of Narcissus. Our perception is the perception of the 'previously sensed' and, therefore, the person 'becomes the mirror in which the world looks at itself'. Perniola thus defines the experience of the senses:

"However, in the notion of narcissism, generally, only one tendency of the psychic energy turned towards an individual is taken into consideration: besides, often, it is understood as a privatization of the experience, as a decline of the social and public dimension. As a result, the most important and disturbing aspect is missed: not only our self-image does not completely belong to us, but even the manner in which we perceive it seems somewhat extraneous and, as it were, predetermined. If, for the narcissist, the world is a mirror in which he sees himself, the experience of the previously sensed seems associated to the fact of becoming the mirror in which the world sees itself. Therefore, it may be less proper to speak of narcissism than of

*'specularism' which reflects prefigured experiences. (...) 'Specularism' is, in fact, something substantially different from imitation, from conformism or from heterodirection: it is no longer a question of being fashionable, of adapting oneself to a behavior suggested by the environment nor obtaining the approval of others, but of sensing oneself as the place where the exterior mirrors itself. (...) Being a mirror does not imply, however, an absolute dependency on what is being reflected in it: we can turn the mirror in different directions, move its angle and turn it so that it can reflect what is in front or behind us. In that affectional horizon, both past and present have a quality of the previously sensed, regardless of content. The present of the mirror is the vertiginous encounter with another mirror, **the formation of a vision in abyss** which infinitely reproduces the 'specular'."*⁶

The work presented here explores the tension between the poetic experience of immersion and that of an objective confrontation with reality; it questions the possibility of reaching a state of imperturbability, of mental and vocal silence and the freedom from the world of phenomena⁷. The 'specular' experience is used in this context as a means to call on our awareness of where we stand and to question what is, in fact, our object of worship.

Ana Maria Tavares

1 The word *numen* (Latin) is a direct translation of the greek *Daimon* which denotes, generically, a deity and implies that the Gods are so intimately connected to personal destiny that it is not prudent to mention them explicitly. The Latin translation is metaphorical, it has its origins in a verb which means nodding one's head, suggesting that the implied deity has the right to give an approval or impose a rejection, which reinforces the relation with destiny. *Numinosum* is the adjective related to *numen* which later was transformed into a noun, by a certain Christian theology, to refer to 'objects of worship'.

2 *Specular*: adj. Of or having the nature of *speculum*. Reflecting. *The Oxford Dictionary and Thesaurus*. American Edition. Oxford University Press. 1996

3 FOUCAULT, Michel. "Of Other Spaces" in MIRZOEFF, Nicholas (org.) *The Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998, p. 239-240.

4 Servomechanism, or servo, is an automatic control mechanism defined as such because it is subordinated to an external source of commands.

5 MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: The Extensions of Men*. London: Sphere Books Limited, 1967, p.51.

6 PERNIOLA, Mário. *Do Sentir*. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 19-20. Boldfaced by the artist. The "formation of a vision in abyss" refers to the expression "en abîme" which means that one of the parts reproduces the whole; for example, in a novel in abyss the whole is reflected in one of its parts.

7 MCEVILLY, Thomas, *Pyrrhonism and Madhyamika*, Philosophy East and West 32, no. 1, (January 1982), p.4 "The cultivation of a suspension (*epoche*) of judgment about all matters whatsoever: This suspension solidifies into an inner balance (*arrespsia*) in which the mind neither affirms nor denies... This balance between affirmation and negation expresses itself in a state of vocal and mental silence (*aphasia*) which ripens finally into freedom from phenomenal influence (*aphateia*) and imperturbability (*ataraxia*)..."

CREDITS:

Áudio: Ruggero Andrea Ruschionni
Modelagem 3D e imaging: Pedro Perez Machado
Projeto Gráfico: Tool Design

ACKNOWLEDGEMENTS:

Ana Maria Falzoni, Arão Reis dos Santos, Cássio Tavares, Gerson de Oliveira, Jessica Mein, Márcio de Oliveira Alves, Pompéa Auter Tavares, Renato Ramos, Rogério Marques. Inox Color • Oficina do Design • Transportadora Alves Tegam.